

## JUVENTUDE, JUVENTUDES: OLHARES A PARTIR DO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

Felipe Rodrigues de Araújo<sup>1</sup>

Túlio Carlos Silva Antunes<sup>2</sup>

Patrícia Cristina de Aragão Araújo<sup>3</sup>

### RESUMO

O cenário atual é amplo quando nos referimos aos debates em torno da juventude. É propício para se pensar e discutir propostas que ressaltem sobre os diversos perfis juvenis e seus marcadores indenitários e culturais, notabilizando suas diferenças e formas de atuação, sobretudo quando tais discussões podem ser evidenciadas no espaço da universidade. Portanto, este artigo, propõe discutir sobre juventude no Ensino Superior e suas experiências de vida dentro e fora dos contextos universitários, enfatizando as maneiras como discutem sobre as práticas culturais que desenvolvem nos contextos de seus cotidianos. Neste sentido, este trabalho está baseado nas ações desenvolvidas em um projeto de extensão sobre juventude na Academia, na qual aplicamos questionários com jovens estudantes do Ensino Superior, objetivando perceber como estes se posicionam acerca de suas vidas e práticas culturais, dentro e fora do ambiente de estudo. Partimos da assertiva, de que entender a juventude universitária e suas diferentes tipologias a partir do espaço escolar, é uma forma de educar que pode ser levada para a escola enquanto meio de aprendizagem a partir da pedagogia da ação extensionista que se desenvolve através de um fazer pedagógico, nutrido de uma ação educativa e cultural.

Palavras-chave: Juventude. Práticas culturais. Universidade.

### ABSTRACT

The current scenario is when referring to the broader debates around youth. It is conducive to thinking and discussing proposals that highlight on the various youth and their profiles indenitários and cultural markers, notabilizando their differences and ways of working, especially when such discussions can be evidenced in the university space. Therefore, this article proposes discussing youth in higher education and their life

---

1 Graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba. Pesquisador do Projeto de Extensão: o lugar da Juventude no ensino superior: formação docente, ensino superior, políticas públicas, diversidade e direitos humanos.

E-mail: [feliperodrigues-hist@hotmail.com](mailto:feliperodrigues-hist@hotmail.com)

2 Graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba. Pesquisador do Projeto de Extensão: o lugar da Juventude no ensino superior: formação docente, ensino superior, políticas públicas, diversidade e direitos humanos.

E-mail: [tulio\\_antunees@hotmail.com](mailto:tulio_antunees@hotmail.com)

3 Professora de História, Doutora em Educação. E-mail: [cristina-aragao21@hotmail.com](mailto:cristina-aragao21@hotmail.com)

experiences inside and outside of university settings, emphasizing the ways we discuss cultural practices that develop in the contexts of their daily lives. In this sense, this work is based on the actions developed in an extension project on youth at the Academy, in which we applied questionnaires with young college students, aiming to understand how they position themselves about their lives and cultural practices within and outside the environment of study. We start from the assertion, that understand the university students and their different typologies from the school environment, is a form of education that can be brought to school as a means of learning from pedagogical extension of the action that unfolds through a make teaching, nurtured in an educational and cultural action.

Keywords: Youth. Cultural practices. University.

## INTRODUÇÃO

Nossa proposta neste artigo é trabalhar a juventude, na perspectiva da educação, a partir de relatos de experiências de um projeto de extensão intitulado *Os lugares da Juventude no Ensino Superior: formação docente, políticas públicas, diversidade e direitos humanos*, no sentido de discutir de que maneira os jovens se percebem em contextos universitários. Nosso intuito é refletir qual a percepção de juventude a partir da experiência e falas de jovens no ensino superior e como essa percepção é importante de ser percebida no contexto da educação.

Partindo dos pressupostos acima expostos, propomos neste artigo verificar as experiências de vida dos jovens que estudam no ensino superior, no intuito de compreender suas vivências cotidianas dentro e fora dos contextos universitários, enfatizando as maneiras como discutem sobre as práticas culturais que desenvolvem no cotidiano e se posicionam acerca de suas vidas e suas atividades educacionais.

No projeto da qual se origina nossas reflexões, foram realizadas diversas atividades, entre as quais ciclo de palestras e debates, no qual o objetivo era foi perceber de que maneira parte o conhecimento dos jovens que estão no ensino superior, de diferentes áreas do conhecimento.

Neste trabalho discutimos com os estudos desenvolvidos por Damasceno (2008), Castells (1999), Hall (2006) e Elia (2010), sobre a temática de como o jovem se

legítima enquanto sujeito produtor de sua cultura, múltiplo em suas identidades. Tendo em vista que ao falar de juventude estamos nos referindo a um segmento etário singular, no sentido de ser e perceber as noções de mundo na qual o jovem está envolto, cujas experiências assumem diferentes e múltiplas dimensionalidades, fazendo com que cada segmento juvenil tenha uma identidade de pertença ao grupo na qual se origina e ao lugar social da qual está inserido.

## **METODOLOGIA**

A metodologia deste trabalho está organizada numa pesquisa bibliográfica e de campo, a partir da aplicação de questionários com jovens universitários de diferentes cursos de graduação, também fora aplicado um questionário com jovens dos cursos de História, Geografia, Filosofia, Comunicação Social, Letras (Inglês e Espanhol) e Serviço Social. A partir do questionário e das leituras teóricas, desenvolvemos nossa análise sobre o que é ser jovem, tanto na perspectiva epistemológica, quanto através do viés dado pelos jovens do ensino superior.

Dos questionários aplicados, num universo de trinta e cinco jovens entrevistados, utilizamos como amostra dez questionários nos diferentes cursos mencionados. Nos cinco questionários que usamos como amostra, é deixado intrínseco o papel de identidades e pertencimento na qual os jovens estão inseridos. As pesquisas mostram que o jovem estudante está preocupado e agindo diretamente com o meio em que vive, seja no lado cultural ou social, valendo salientar que a maioria dos jovens afirmam a falta de oportunidades, e não falta de interesse como se assim espera. A maioria dos jovens concede à juventude a melhor fase da vida, deixando claro também de suas responsabilidades, simbolizadas pela liberdade, descobertas, tentando fazer assim do mundo na qual vive um melhor lugar para viver.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A juventude como um momento positivo da vida foi prerrogativa de quase todos os entrevistados, porém, foi visto que também há os que conotam a esta fase, um olhar negativo. Alguns jovens buscam novidades, aquém de suas responsabilidades, a liberdade com a qual os mesmos conquistam com sua maioridade, outros ao adentrar o

ensino superior buscam na cidade, onde a universidade está alocada, um outro espaço de sociabilidade, além daquele que vivencia com a família.

Em outra cidade, distantes dos seus pais, alguns jovens descobrem o lado negativo de sua juventude, como marca em todos os questionários, as preocupações como as drogas lícitas e ilícitas (ITPS). Para Carmem Zeli Vargas Gil Souza (2004), a idade leva o jovem a desejar pertencer a certo grupo, pois os jovens muitas vezes olham-se refletidos na sua idade. Para Souza (2004):

[...] “que os anos nos têm e nos fazem crianças, jovens, adultos ou velhos, e pertencer a um grupo de idade significa ter que se adequar a um conjunto de coisas que podemos ou não fazer. E a vida passa a ser graduada a partir da idade: idade escolar, idade do trabalho, idade militar, idade da rebeldia[...] Evidentemente, a idade adulta é proposta como a meta a ser alcançada”. (SOUZA, 2004, p.48).

Com esta afirmação vemos que passamos por várias idades com um objetivo de alcançar a idade adulta essa noção ocorre com a contemporaneidade, pois de acordo com as pesquisas de Ariés (1981) na obra “*História Social da Criança e Adolescente*”. Essa noção de adolescência não existia na sociedade pré-industrial. Uma pessoa desde criança era considerada como um adulto em miniatura a partir dos oito anos de idade a criança já passava a receber responsabilidades de adultos. Vemos com isso que a categoria juventude variou de acordo com as sociedades.

Souza (2004) vai delineando em seu trabalho que a juventude é como uma categoria não homogênea e com peculiaridades que diferem de outras sociedades como, por exemplo, da sociedade pré-industrial que Ariés (1981) trabalha em “*História Social da Criança e da Família*”. Isso fica explícito quando ela relata que a juventude está conectada a um mundo que a velocidade não é mais as pernas.

Para os jovens a busca da idade adulta mostra essa tensão entre o auto reconhecimento e ao mesmo tempo o ser reconhecido. Assim, vemos a necessidade que jovem possui de poder construir sozinho, a sua própria identidade um processo esse que tem uma finalidade de estabelecer um processo relacional na qual ira distinguir e ao mesmo tempo unir os indivíduos. Vemos também que Souza (2004) menciona ao defender que a identificação é um processo e que não é estático ela acontece em um mundo marcado pela a complexidade e que constantemente precisam-se realizar

escolhas. Partindo deste pressuposto vemos a identidade como algo que é construindo através da experiência.

Souza (2004) analisa a categoria juventude como um problema sociológico com necessidade de investigação, pois de que modo se dará a passagem do mundo infantil, ou seja, da criança ao mundo adulto isso ocorre de maneiras diferentes. Essa duração ocorre de formas peculiares de uma sociedade para a outra e a partir deste pressuposto a qual vemos o trabalho do Ariés que mostra que o conceito de criança e jovem é diferente em outra época como a idade Moderna.

Souza (2004) trabalha com essa faixa de transição do mundo infantil ao adulto hoje na atualidade que pode até ser compreendido como o período a qual denominamos de juventude. Na juventude é onde o ser conhece o mundo, sociabiliza-se, colegas ou afinidades, período de brincadeiras, marcado pelo estudo, tendo em vista que a pesquisa se norteia no jovem universitário, dentre esses aprendizados é que o jovem irá realmente descobrir como é a realidade do mundo na qual está envolto.

É nessa transformação do ser infantil para adentrar o mundo adulto, que o jovem se envolve em diversos atos de confusão, um choque imenso de identidades, fazendo com que alguns não se incluam nesse processo, segundo um dos jovens J.N.F.S“ A ociosidade acaba por cegar as perspectivas de futuro na qual o jovem pode obter” (JMFS).

Tendo em mente que o jovem universitário vive as condições e as diferenciações relativas ao gênero, cor, ao ser jovem, ou seja, é diversas dimensões diferentes de um mesmo ser social. Com todas essas diferenciações, o jovem tem sido recluso em sua pluralidade de ser, imbricado numa sociedade ainda patriarcal.

Deste modo, foi se criando um estereótipo de como deve ser esse jovem, tanto a sua cor, ao modo de agir, suas ações culturais, logo, os jovens ainda que embarcados em tais limites, constituem de fato um fator social, onde em seu cotidiano não apenas repensa os saberes adquiridos em sua vivência escolar e social, mas também é coadjuvante na construção da sociedade, tendo em vista que o jovem procura uma coação expressa através de sua crítica seja em vias públicas ou em recluso, da

contestação, da negação aos valores impostos padronizados, mas também da criação, através da manifestação de sua cultura, de reelaboração de saberes.

Está no âmago de nossa sociedade, patriarcal, a condição na qual se legitima o como deve ser essa construção de um estereótipo dominante, os sujeitos sociais dominantes na nossa sociedade ocidental são o branco, heterossexual, cristão, consumista, os sujeitos que estão fora desse padrão são excluídos e marginalizados. Hall (2006) irá trazer três concepções de identidade: O sujeito do Iluminismo; O sujeito sociólogo; e O sujeito pós-moderno, para nossa pesquisa será de importância analisar os sujeitos sociólogos e pós-moderno.

O sujeito sociólogo segundo Hall, se remete a modernidade, onde a noção de pertencimento ao meio não advinha de vontade própria, o ser aqui não é autossuficiente, mas era formado na relação direta com as pessoas da sociedade na qual ele vive. O sujeito ainda é constituído de sua individualidade, entretanto, é moldado de acordo com as experiências do indivíduo no meio social. “A identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade”. (HALL, 2006, p.11)

Para Castells (1999) o papel é quando o ser adquire uma determinada construção, sendo o ser mãe, estudante, sindicalista e afins, são definidos por normas são estruturadas por instituições, ou organizações da sociedade. Esses papéis influenciam o ser a partir que o mesmo age direto com tais formas e regras dessas instituições ou de determinada sociedade. Logo, o ser evangélico irá adquirir um determinado valor a um evento de acordo com o pensar da instituição ou religião que o legitima.

A essa condição do ser, Freud deu o nome de desamparo fundamental que exige a intervenção de um adulto próximo que realiza a necessidade particular à sobrevivência do ser humano desamparado. Adjacente a teoria proposta por Freud, Lacan irá propor a categoria de Outro para nomear não somente o adulto próximo na qual o Freud retrata, mas também a todo um conjunto sociocultural, ou seja, a sociedade na qual o sujeito vive.

Segundo Elia “essa ordem é eivada de valores, ideologias, princípios, significações, enfim, elementos que a constituem como tal, no plano antropológico”. (ELIA, 2010, p.35). O Outro no caso a mãe, é o esqueleto material e simbólico, atribuindo valores e noções que para ela é válido, sendo de forma inconsciente, ela irá transmitir todos os valores que para aquela sociedade na qual estão vivendo se faz necessário.

Temos em vista então, que bem antes do bebê nascer, ou seja, do ser humano ter uma concepção de sujeito, o campo na qual ele irá se adentrar já se encontra estruturado, organizado e constituído. Não apenas o lado cultural, social, familiar, mas todo um conjunto de identidades, assim como a linguagem, todo esse ciclo já se encontra previamente constituído, apenas esperando que o sujeito nasça e se adentre a tais noções de papel. (CASTELLS,1999)

Quando foi perguntado aos jovens qual ou quais são os problemas da juventude que se percebe com mais frequência, o jovem responde: “Está se afastando de Deus, perdendo os valores e entrando para o mundo” (EFR), com isso temos a noção de que o que legitima esse pensar não é o próprio sujeito, não se torna uma identidade, e sim um Papel (CASTELLS, 1999), o pensar desse sujeito é advindo de uma instituição, da religião na qual legitima esse pensar. Ele exerce o papel de Sujeito Sociólogo (HALL, 2006).

Essa noção de uma identidade única, ou papel está com o tempo sendo fragmentado, sendo assim não mais composto de uma concepção de sujeito, mas sim, de várias identidades, algumas são temporárias, volúveis, mal resolvidas (Hall, 2006, p.12). Identidades diferentemente do papel, irá constituir então, um leque de significados para o “eu” sujeito, as identidades irão organizar significados. Segundo o autor Castells:

[...] Entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, os quais prevalecem sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas, identidades organizam significados, geram um processo de "autoconstrução" e individualização para o indivíduo. (CASTELLS, 1999, p.22).

Quando o sujeito assume o papel transitório, de mudança de seu aspecto pessoal, ele passa a mudar seu cotidiano, sua rotina, são as formas de comer, de ouvir, de vestir,

os lugares na qual o sujeito frequenta que legitima o estilo de vida desse sujeito, transformando numa rotina cotidiana. Porém essas rotinas são fluidas, mutáveis. Cada pequeno ato que o sujeito toma diferente de sua rotina contribui para alteração dessas rotinas, logo, reformula o seu eu.

Em nossa pesquisa, observamos que a rotina dos jovens universitários é marcada pela inserção social incompleta (DAMASCENO,2008). Logo, os jovens empenham parte de seu tempo fora do contexto universitário a uma tarefa árdua de tentar quebrar essa situação de exclusão a qual são submetidos.

Os sujeitos analisados em nossa pesquisa deixaram claro a noção de que o papel fundamental da instituição é promover a quebra desses (pré)conceitos. Destaco aqui o pensamento do jovem AMM onde ele deixa claro que o papel do jovem é promover mudanças, pois é na jovialidade que se tem a força para continuar em frente e lutar por aquilo que lhe é cabível.

No perpassar dos anos a globalização tem sido cada vez mais presente, com isso tem se a necessidade de uma educação visada para a diversidade cultural, tal educação está sendo atribuída em três argumentos distintos: De um lado vivemos uma quebra de fronteiras, com o avanço da internet podemos adentrar quaisquer lugares do mundo apenas com alguns cliques, caucionando um intercâmbio entre diferentes culturas, “o que exigiria uma sensibilização para a pluralidade de valores e universos culturais cada vez mais presentes no cotidiano de educadores, alunos e profissionais” (Hall,1998).

Para muitos estudiosos, a globalização desencadeou um processo de homogeneização cultural que sobrepõe à identidade ocidental a todas as outras identidades nacionais e locais. Na qual insere o segundo argumento, a constatação de que uma filtragem de valores dominantes de uma cultura “consumista” tem sobreposto culturas locais.

Neste caso, a educação multicultural é atribuída como uma via pela qual se promova o resgate dos valores culturais, de forma que tal cultura não seja perdida ou esquecida. Numa terceira perspectiva, muito impactante, tal globalização gera uma exclusão social, reforçados por um processo onde não se beneficia igualmente as





pluralidades socioculturais, gerando assim processos discriminatórios, racismo, e xenofobia que atinge particularmente grupos socioculturais excluídos ditos inferiores.

A relevância em se promover à conscientização acerca da educação direcionada para a diversidade cultural constitui-se um elemento necessário à promoção de cidadãos críticos e participativos em sociedades cada vez mais multiculturais, esta formação deve ser enfatizada no interior de todas as instâncias educativas a partir do compromisso efetivo dos participantes envolvidos com o processo pedagógico direcionado para os jovens. (DAMASCENO, 2008, p. 4).

Todos os jovens apontados em nossa pesquisa utilizam no mínimo duas redes sociais, dentre as quais, a principal rede social é o Facebook. As redes sociais são usadas de infinitas formas, destacaremos aqui o lado político. Da amostragem na qual utilizamos 75% dos jovens mencionaram o fator político de suma importância para o bem-estar social. O jovem deve no mínimo conhecer a política de seu país e participar enquanto eleitor, como fator determinante para decidir qual a política através de quais políticos governarão o país, segundo as palavras da estudante (TSA).

Dos jovens que se disseram atuantes na área política em nossa pesquisa (vinte dos trinta e cinco), todos manifestaram a importância que a política exerce dentro e fora do meio acadêmico, pois assim o jovem só se entenderá quanto jovem, quando ele sair dessa zona de conforto que o cerca, “acomodação”, e partir para a vida atuante, tanto na cultura, movimentando suas raízes culturais, seja em sua cidade ou em ambiente acadêmico, na política, tendo consciência crítica de seu voto, de seus direitos enquanto cidadão, ou quaisquer outros segmentos que o legitime enquanto Jovem.

## **CONCLUSÃO**

Falar sobre juventude na contemporaneidade é falar sobre cultura, movimentos sociais, e ação política, percebe-se em nossa pesquisa que cada vez mais é destacável nos jovens o lado da ação, onde eles buscam seus direitos através das lutas tanto no contexto universitário quanto fora da universidade. Torna-se também de suma importância essa discussão, quando abordamos a questão de múltiplos pertencimentos, onde os jovens estão engajados em diversas áreas de saberes, tendo em vista que o mesmo jovem que é universitário, ele também produz cultura, participa de suas lutas no contexto social.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara. 1981.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra. 1999

DAMASCENO, Maria Nobre. **Juventude: educação e cidadania no contexto da diversidade cultural**. VI Congresso Português de Sociologia. 2008.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SOUZA, Carmem Zeli. **Juventude e contemporaneidade: Possibilidades e Limites**. CIDPA VIÑA DEL MAR: 2004.